



Viajar

Quando encarnamos aqui na Terra, completamos a primeira etapa de uma viagem extraordinária: viajamos de algum lugar no espaço onde habitávamos e desembarcamos aqui, a fim de conhecermos como é a vida neste pedaço do universo.

Ainda não compreendemos muito bem o processo, mas podemos perceber que não estávamos aqui antes nem ficaremos depois que deixarmos o corpo físico.

Entre essas duas circunstâncias, é normal que sejamos curiosos de conhecer o que está em volta.

Desde que chegou ao planeta, o ser humano foi pesquisando o que havia um pouco mais distante, o que estava ao seu alcance na terra, na água, no ar, foi caminhando pelas imensidões planetárias, valendo-se dos insumos que encontrou no caminho para sobreviver, e, entre lutas contra os animais, contra as intempéries, contra os próprios outros ocupantes que também aqui chegaram, contra as dificuldades de toda ordem que desafiaram a sua sobrevivência, chegou até onde estamos hoje.

Tem sido uma caminhada evolutiva muito interessante: deixou de habitar as florestas, valendo-se de instrumentos primitivos e toscos, para habitar as cidades atuais cheias de tecnologias e facilidades práticas; venceu as doenças até então desconhecidas e mortais, conseguindo um tempo de vida mais amplo, atingindo agora a proximidade dos cem anos; saiu da ignorância intelectual para dispor de meios acadêmicos, transmissores do conhecimento que a cada dia

mais se espalham lutando contra o analfabetismo funcional e intelectual; e agora vai saindo da ignorância espiritual para o entendimento racional da nossa condição de seres do universo e não simplesmente do planeta.

Esse desejo latente de saber mais, conhecer mais, ver mais, nos impulsiona a novas fronteiras que são inesgotáveis, tanto na pesquisa do macro como do microcosmo em que vivemos.

Os cientistas buscam, sem cessar, em todas as camadas da existência, as realidades universais que vão sendo disponibilizadas pouco a pouco para que nos tornemos cada vez mais aptos a entender e a desfrutar a vida.

E nessa caminhada atingimos um ponto muito interessante: antes queríamos viajar para conhecer lugares pitorescos, panorâmicos, litorâneos, serranos, termais ou curiosos. Agora aparece um grande interesse por lugares espirituais, o que evidencia a busca pelo sublime, e isto é um ótimo sinal da passagem da materialidade para a espiritualidade.

Esta edição dedica-se a apresentar aos seus leitores as sugestões de alguns locais visitados por companheiros nossos que trazem suas experiências com o contato imaterial que eles tiveram ao ir lá e sentir que, definitivamente, não somos só matéria, mas muito mais espíritos que repercutem em seu íntimo as vibrações sutis que emanam de certos locais considerados “sagrados” pelo sentimento que provocam.

Aproveitem as sugestões e visitem quando puderem.

Boa viagem!

Por: Antonio Diomedé
Revisão: Patrick Parmigiani

Machu Picchu - Peru

Peregrinação de nove dias com mochila nas costas rumo à Meca dos Esotéricos e Místicos, Machu Picchu, a Cidade Perdida dos Incas, localizada no topo de uma montanha a 2.400 metros de altitude, no Vale do Rio Urubamba, Peru.

Rota de avião: São Paulo-Lima-Cuzco. Esse destino mudou minha visão de vida, aguçou meus sentidos, desenvolveu minha espiritualidade, transbordou minha alma de paz, equilíbrio e tranquilidade.

Cuzco é a capital inca do Peru, cidade mais antiga das Américas. Os arqueólogos acreditam que o local é habitado desde 3000 a.C. Em 1532, quando da chegada dos espanhóis, ela era o centro religioso, político e cultural da região.

Um dos pontos turísticos a ser visitado é o Templo do Sol – um local de rituais e oferendas ao Deus Sol, cultuado pelos incas. Boa parte do templo foi destruída pelos conquistadores espanhóis, mas lá foram construídos uma igreja e o Convento de Santo Domingo, que fica aberto à visitação.

Devido à altitude, o ar é muito rarefeito, por isto, já na chegada da pousada, oferecem uma caneca de chá de coca para cortar o efeito do “mal da montanha”, assim chamado pelos locais, que são os sintomas de tontura, mal-estar, etc.

A peregrinação a Machu Picchu começa com a saída de um ônibus que leva o nosso grupo de dez pessoas e mais dois guias peruanos até o começo da trilha, no quilômetro 88 da estrada de ferro.

A caminhada na trilha Salkantay tem as quatro estações do ano no mesmo dia, muito frio ao amanhecer, calor acima de 30 graus durante o dia, neve no topo das montanhas e frio de graus negativos durante a noite. Por isso, recomendam-se roupas especiais, calças que viram bermudas, jaquetas leves, as preparadas para neve, porém, tudo muito reduzido e que caiba numa mochila a ser carregada nas costas. A partir daí, começa o desapareço das coisas materiais.

A trilha inca até Machu Picchu é rodeada por montanhas, flores exóticas e exuberantes, diversas espécies de orquídeas, animais silvestres, lhamas que passeiam livremente, pássaros diversos e seus cantos mágicos que ecoam no meio da montanha Nevada. O objetivo é chegar a 4.200 metros de altitude de Warniwanusqa, ponto mais alto do trajeto.

Montanha acima, a falta de oxigênio nos obriga a parar a fim de recuperar o fôlego. Alguns até recorrem ao tubo de oxigênio levado pelos guias em caso de emergência.



O show da natureza se faz presente por meio de um gigantesco pico nevado, onde no alto todos colocam seu marco, que é um montinho de pedras empilhadas para mostrar que ali estiveram, pedindo ao vento a proteção dos deuses, pois nessa caminhada são necessários um bom preparo físico e psicológico, além da proteção divina ao passar por precipícios e atravessar os lagos pulando de pedra em pedra.

Caminhávamos todos os dias entre 10 km e 15 km, dependendo do trajeto e posição dos acampamentos, chamados “lodges”, pois tínhamos de chegar até as 18h, antes do cair da noite da floresta andina.

O jantar típico preparado pelo cozinheiro do lodge era acompanhado por vinho tinto, e logo após fazíamos uma fogueira ao luar, onde assávamos marshmallow e escutávamos os contos místicos dos guias. Às 21h era horário de todos irem dormir, pois não tinha energia elétrica, TV, rádio, nem mesmo sinal de telefone. Estávamos totalmente isolados da civilização.

Acordávamos todos os dias às 4h da manhã, banho quente, café com pães, frutas e muito chá de coca. Preparávamos sanduíches para levar na mochila, pois seria nosso almoço no meio da mata, à beira de algum rio de águas cristalinas ou deitados embaixo de uma árvore frondosa.

Após o terceiro dia de caminhada, os pensamentos e preocupações são zerados, dando lugar apenas à contemplação da natureza, da energia maior de Deus.

No meio do caminho, próximo a uma estação de trem, encontramos algumas famílias bem humildes que viviam em barracos com chão de terra, onde estavam várias crianças; prontamente paramos e distribuímos balões coloridos para elas brincarem. Poder ver o sorriso inocente nos seus rostinhos infantis nos fez ver a presença de Deus!

A felicidade se encontra nas coisas mais simples da vida, de nada adianta buscarmos nas coisas materiais, se não tivermos a paz dentro de nós.

No último dia de caminhada, avistamos a cidade mística de Machu Picchu. A energia daquela ruína cheia de história, exuberante, emocionante, faz o coração bater forte e as lágrimas vêm à tona.

Na vida cotidiana, tumultuada e cheia de compromissos, somos invadidos por tantas informações via internet, redes sociais como Facebook, WhatsApp, TV, rádio, e isto nos consome, fazendo com que, muitas vezes, deixemos de trilhar nosso caminho espiritual.

Vale muito a pena trilhar esse caminho místico, a trilha inca, para que aflore em nós o sentido real da vida em busca de nossa reforma íntima e evolução espiritual.

Por: Luciane Siqueira - Consultora de comunicação, marketing e imprensa
Revisão: Patrick Parmigiani